



**Entrevista coletiva concedida Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após visita à estação de movimentação de gás do gasoduto Cabiúnas-Vitória**

**Serra-ES, 19 de fevereiro de 2008**

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Bom dia. Primeiro, fazer uma visita a uma estação como esta, que foi preparada ao longo desses últimos dois anos, é como a gente visitar um filho que a gente viu o seu início. Eu estive aqui lançando o primeiro ponto de solda. Este gasoduto e esta estação fazem parte de um sistema que vai distribuir gás para o Nordeste. Vai ligar o Sul, Sudeste e Nordeste, portanto, vai dar mais garantia de energia ao Brasil, que é o que nós precisamos oferecer a quem queira fazer investimentos no Brasil. O Espírito Santo é um estado que, além de outras qualidades, é muito promissor na produção de gás, portanto, pode abastecer uma parte do Brasil.

Eu estou feliz por estar fazendo esta visita aqui, porque eu acho que nós estamos mostrando ao povo brasileiro, mostrando aos empresários e mostrando à sociedade brasileira que quando nós lançamos o Plangás, nós o lançamos com uma idéia de tornar o Brasil, não apenas um país que oferece aos consumidores e aos empresários uma nova matriz energética, mas também, para dizer para o povo brasileiro que o Brasil vai trabalhar de forma incansável para ser auto-suficiente na produção de gás. Esse é um objetivo, é um sonho, é um desejo.

Estamos muito felizes com as descobertas que a Petrobras tem feito na camada pré-sal, as primeiras experiências são extraordinariamente surpreendentes, do ponto de vista positivo, para o Brasil. Então, eu quero aproveitar e dar os parabéns à Petrobras, os parabéns ao Governador do



estado, e eu espero que a Petrobras continue encontrando mais gás aqui para que o Brasil tenha mais tranquilidade com relação à questão energética. Afinal de contas, a energia é um dos pontos principais pelos quais a gente pode fazer com que investidores brasileiros e investidores estrangeiros venham aqui fazer os seus investimentos.

Com relação ao comunicado da renúncia do presidente Fidel Castro, eu não conversei com o Itamaraty ainda hoje, mas as informações que eu tenho batem um pouco com a impressão que eu tive, quando visitei o Fidel há pouco tempo. Eu senti que o Fidel estava em condições, pelo menos de cabeça, tranquilo, poderia reassumir o governo, tinha apenas um problema na perna por causa de uma queda que ele tinha tido na cidade de Santa Clara. Mas ao mesmo tempo eu voltei com a impressão, comentando com os meus ministros, eu sentia que o Fidel estava analisando a situação política e estava querendo criar as condições para que isso pudesse acontecer.

O Raúl é um homem altamente preparado, afinal de contas está junto com o Fidel desde Sierra Maestra. É um homem que comandou as Forças Armadas esse tempo inteiro, tem uma visão do mundo, eu diria, muito importante. Eu até o convidei para vir ao Brasil agora, vou reiterar o convite agora, com a carta do Fidel, e eu acho que isso é importante para a tranquilidade na América Latina. O processo se dá de forma mais tranquila com a iniciativa do próprio Fidel, eu acho que era assim que deveria ter acontecido. E o grande mito continua. O Fidel é o único mito vivo na história da Humanidade, e eu acho que ele construiu isso às custas de muita competência, de muito caráter, de muita força de vontade e também de muita divergência, de muita polêmica. Mas se ele tomou essa iniciativa, eu acho que deve ser bom para Cuba. Portanto, o Brasil está satisfeito que seja assim, num processo muito tranquilo, porque o que nós tínhamos era que uma situação adversa acontecesse num sistema turbulento, e que os cubanos de Miami tentassem achar que já era dia de voltar para Cuba e transformar Cuba num território de



conflito.

Eu tenho um profundo respeito pelo povo cubano, acho que é o povo mais politizado do planeta Terra. Acho que tem poucos países do mundo que durante a história tiveram o privilégio de ser politizados. É um povo muito... Quem for a Cuba vai descobrir que está diante da Bahia, quer dizer, está como se estivesse em Salvador, porque é muito parecido com o nosso povo baiano. Eu fico feliz que as coisas tenham acontecido com tranquilidade.

**Jornalista:** O senhor espera uma transição para a democracia, com essa mudança lá?

**Presidente:** Eu respeito muito que cada povo decida o seu regime político. Esse negócio de a gente ficar aqui, no Brasil, dizendo que bom é assim, bom é assado, vamos deixar que os cubanos cuidem do que eles querem na política e vamos cuidar, nós aqui, do que nós precisamos para o Brasil. Se cada um tomar conta do seu nariz, já está bom demais. O que complica é quando a gente começa a dar palpite nas coisas dos outros, aí complica e pode ter conflito. Eu acho que os cubanos têm maturidade para resolver todos os seus problemas sem precisar de ingerências, nem brasileiras nem americanas.

**Jornalista:** Presidente, o Fidel publicou no Granma o comunicado sobre a renúncia dele exatamente, exatamente o mesmo veículo que ele usou para fazer uma série de comentários sobre o encontro que ele teve com o senhor. Foram várias declarações de reconhecimento e apoio. Eu queria saber o que o senhor achou da avaliação que ele fez do encontro de vocês?

**Presidente:** Eu não sabia que a minha visita ao Fidel iria gerar quatro artigos. Primeiro, eu tenho uma profunda relação de amizade com a Revolução Cubana. Eu não canso de dizer que eu sou da geração que se transformou



amante da Revolução Cubana. Os da minha idade, que têm 60 anos, um pouco menos ou um pouco mais, tiveram na sua adolescência admiração pela Revolução Cubana. Tenho uma relação com o Fidel desde 1985, portanto, são 23 anos de relação, fui muitas vezes a Cuba, muitas vezes mesmo. Tem um gesto do Fidel comigo, que é um gesto inesquecível, quando eu perdi as eleições de 1989, quando ele veio para a posse do Collor ele participou do ato oficial da posse do Collor e foi a São Bernardo para almoçar comigo, numa deferência que, para mim, é inesquecível aquele gesto. Raramente um líder visita quem perde as eleições, normalmente se visita só quem ganha, e ele me visitou.

Tem um outro gesto do Fidel comigo que é extremamente importante. Quando eu perdi as eleições para o governo do estado, em 1982, eu tive 1 milhão e 250 mil votos, e eu achei que era um fracasso total. Quando eu fui a Cuba, o Fidel falou para mim: “Lula, em que parte do mundo um operário teve 1 milhão e 250 mil votos? Analise qualquer eleição no mundo e veja se já houve um operário que teve 1 milhão e 250 mil votos.” Então, eu que me achava o mais derrotado do mundo, me senti o mais importante do mundo porque na verdade, num regime democrático, você ver um operário criar um partido político e em apenas dois anos ter 1 milhão e 250 mil votos no estado de São Paulo, era muita coisa. Então, essa relação de amizade só foi se fortalecendo, Fidel veio muitas vezes ao Brasil. Toda vez que ele veio ao Brasil, seja no governo Sarney, seja no governo Fernando Henrique Cardoso, eu tive contato com ele aqui no Brasil. Espero continuar tendo contato porque eu acho que o Fidel vai viver muito tempo ainda. E só desejo para Cuba ... Nós temos agora, a Petrobras foi comigo, nós temos acordo da Petrobras...

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Tem uma missão, hoje, do Brasil e da Petrobras lá em Cuba, que



nós queremos...

**Jornalista:** Deles aqui.

**Presidente:** Deles aqui, para fazer treinamento. Nós queremos fazer prospecção em Cuba. Nós temos acordos importantes para assinar nesses próximos dias. São acordos na área de saúde, na área de laboratório, na área de construção de estradas e de recuperação de hotéis, e nós estamos dando seqüência à nossa política de integração da América Latina.

Eu digo sempre o seguinte: ou o Brasil faz os grandes gestos para que haja integração na América Latina, por ser a maior economia e o maior país, ou a integração não vai acontecer. Eu acho que nós estamos dando passos extremamente importantes, e eu acho que Cuba faz parte dessa nossa estratégia.

**Jornalista:** Presidente, os jornais de hoje trazem a informação de que o Planalto estaria produzindo um dossiê relacionado à CPI, com dados e informações do governo do senhor e do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, e que alguns assuntos teriam sido considerados baixos, na avaliação do senhor, e não deveriam ser levados para a CPI. Eu queria saber qual a avaliação do senhor, essa história realmente procede ou não?

**Presidente:** Primeiro, não procede. Eu aprendi nesse tempo de governo que tem muitas coisas que procedem e muitas coisas que não procedem. O governo vai atender aquilo que a CPI reivindicar. A CPI existe para isso, para investigar. Na medida em que ela sinta necessidade de ter algum documento, ela peça ao governo. Se o governo tiver condições de oferecer, oferecerá. Se não tiver, não vai oferecer. Eu sou da tese de que o Congresso Nacional existe para legislar, existe para fazer CPI, existe para investigar, e o governo existe



para trabalhar. Eu confesso a vocês que eu não tenho tempo a perder com CPI. Nós iremos fazer tudo que for possível para contribuir com todas as informações, mas nesse momento eu não quero jogar fora e não quero perder a oportunidade do bom e extraordinário momento que o Brasil vive. O Brasil precisa crescer, o Brasil precisa gerar empregos, o Brasil precisa distribuir renda, o Brasil precisa se transformar numa grande economia. Nós, depois de muito sacrifício, chegamos a um momento histórico, sem precedentes na nossa história. Então, a minha preocupação agora é não permitir que haja nenhum retrocesso. Enquanto as pessoas discutem lá em Brasília, enquanto as pessoas fazem investigação, fazem CPI, o meu papel vai ser viajar pelo Brasil, porque o que eu quero é que o povo brasileiro possa conquistar, com o crescimento e desenvolvimento do Brasil, a cidadania que há séculos a gente está reivindicando.

**Jornalista:** Presidente, ontem a Associação Brasileira de Imprensa divulgou uma nota dizendo que são uma ameaça à liberdade de expressão as 55 ações que a Igreja Universal entrou contra o jornal Folha de São Paulo. O senhor considera que isso é uma ameaça à liberdade de expressão?

**Presidente:** Não, até porque se a Igreja Universal utilizou o Poder Judiciário, ela está utilizando um dos pilares da democracia para questionar o jornal.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Eu acho que a liberdade de imprensa pressupõe isso. A liberdade de imprensa pressupõe a imprensa escrever o que quiser, mas pressupõe também que a pessoa se sinta atingida e vá à Justiça pra provar a sua inocência. Não pode ter liberdade de imprensa se apenas um lado achar que está certo. Então, liberdade de imprensa pressupõe uma mistura de liberdade e



responsabilidade. As pessoas escrevem o que querem, depois ouvem o que não querem. Essa é a liberdade de imprensa que nós queremos. O dia em que a Folha de São Paulo se sentir atingida pela Igreja Universal, ela vai processar a Igreja Universal. No dia que a Igreja Universal se sentir atingida pela Folha, ela vai processar a Folha. E, assim, a democracia vai se consolidando no Brasil.

Muito obrigado.



Presidência da República  
Secretaria de Imprensa

---

**Entrevista do Presidente da República**

---

(\$31EGJLP)